

A mulher negra na perspectiva da representação da Mulata do Ziriguidum

Almunita dos Santos Ferreira Pereira¹
Carla Figueira de Souza²

Resumo

O presente estudo procura suscitar reflexões a respeito da mulher negra na perspectiva da representação da Mulata do Ziriguidum no contexto da sociedade brasileira, a partir do programa “As Mulatas do Sargentelli”, apresentado na TV aberta durante as décadas de 1970 e 1980 com atrações que iam desde entrevistas de convidados, apresentações de músicos brasileiros e estrangeiros tendo como ritmo principal o samba e o rebolado das belas Mulatas. Aqui questionamos como a objetificação, hipersexualização e exotificação do corpo negro retratada na figura das mulheres consideradas mulatas, as quais eram intencionalmente expostas em rede nacional. De abordagem qualitativa, a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de livros teóricos e artigos que dissertam sobre as questões de gênero, raça, classe, cultura e suas interseccionalidades, bem como recursos audiovisuais, em que foram analisados vídeos do YouTube, entrevistas em programas televisivos e imagens de revistas da época. Tais materiais foram elencados devido à importância do tema para o aprofundamento nos estudos raciais e de gênero e, também, para retratar as noções que perpassam a temática da mulher negra e um histórico de dominação, exploração e apagamento de seus corpos. Conclui-se que há uma invisibilidade gestada e orquestrada pelo *modus operandi* da branquitude, somada à objetificação e exploração dos corpos das mulheres negras.

Palavras-chave: Mulata; Ziriguidum; Sargentelli; Hipersexualização.

Introdução

Quando poderíamos pensar que a mulher negra no Brasil seria uma *persona*, motivo de reflexão para entender as estruturas racistas? Ainda mais se tratando de um histórico de dominação e do apagamento de seus corpos, resultante da invisibilidade gestada e orquestrada pelo *modus operandi* da branquitude, somada à escravização, tortura, estupro e opressão de pessoas consideradas inumanas de um passado escravista não tão distante.

Falar da mulher negra é refletir sobre seu histórico de vida, luta e morte estigmatizada na subalternidade e estereotipada no imaginário sexual, que conduz um sentimento de consternação, pois tais acontecimentos se demonstram latentes e as lembranças, ainda vivas, vistas e sentidas e não apenas como um acontecido remoto.

O presente texto procura compreender a condição da mulher negra, a partir da perspectiva da representação da Mulata do Ziriguidum no contexto da sociedade brasileira, tendo como referência o programa “As Mulatas do Sargentelli”, apresentado na TV durante as décadas de 1970 e 1980, bem como questionarmos como a hipersexualização e a objetificação do corpo negro retrataram as mulheres consideradas Mulatas, as quais foram intencionalmente expostas em rede nacional.

¹ Doutora em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia.

² Mestre em Educação.

Este estudo de abordagem qualitativa procurou analisar a representação da mulher negra, a partir da literatura que constitui a revisão bibliográfica composta por livros teóricos, artigos acadêmicos e científicos que dissertam sobre as questões de gênero, raça e suas interseccionalidades, bem como recursos audiovisuais, em que foram analisados vídeos do YouTube, entrevistas em programas televisivos e imagens de revistas da época.

Tais materiais foram elencados devido à importância do tema para os estudos raciais e também por retratar o entendimento que perpassa a temática da mulher negra, o racismo e um histórico de dominação, exploração e apagamento de seus corpos.

Mulher Negra, a Negra Mulata

A construção da fundamentação teórica deste texto está embasada pelos estudos de vários autores que discutem questões sobre a mulher negra e os desafios enfrentados.

Pensar acerca das condições da mulher negra e de seu histórico de vida, luta e morte estigmatizada na subalternidade e estereotipada no imaginário sexual, nos conduz a um sentimento de consternação, pois tais acontecimentos mostram-se latentes e as lembranças, ainda vivas, vistas, sentidas e não apenas como um acontecido remoto.

De acordo com Davis (2019), a mulher escravizada era antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente, esposa, mãe e dona de casa realizando todo tipo de trabalho, desde tarefas pesadas a trabalhos domésticos vivendo sob práticas violentas como o trabalho forçado, o açoite e o estupro como mais uma forma de dominação e poder praticados pelos senhores e seus algozes, também eram obrigadas a serviços sexuais, e desta maneira instrumentalizadas, desumanizadas, animalizadas, consideradas distante e bem longe da esfera humana de emoções e sentimentos.

Como afirma Davis (2019):

Seria um erro interpretar o padrão de estupros instituídos durante a escravidão como uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros (Davis, 2019, p. 36).

Desde a escravização, as mulheres negras expuseram sua força por meio da resistência e luta pela liberdade, embora a historiografia esteja deficitária com relação à sua história. Uma vez escravizadas, eram consideradas mão de obra, podiam ser vendidas, doadas, emprestadas, alugadas, hipotecadas, confiscadas, de modo que eram susceptíveis a todos os tipos de brutalidade. Cita Hilary MCD Beckles (2011) em seu artigo denominado, *Os domínios do*

prazer: a mulher escrava como mercadoria sexual, em que:

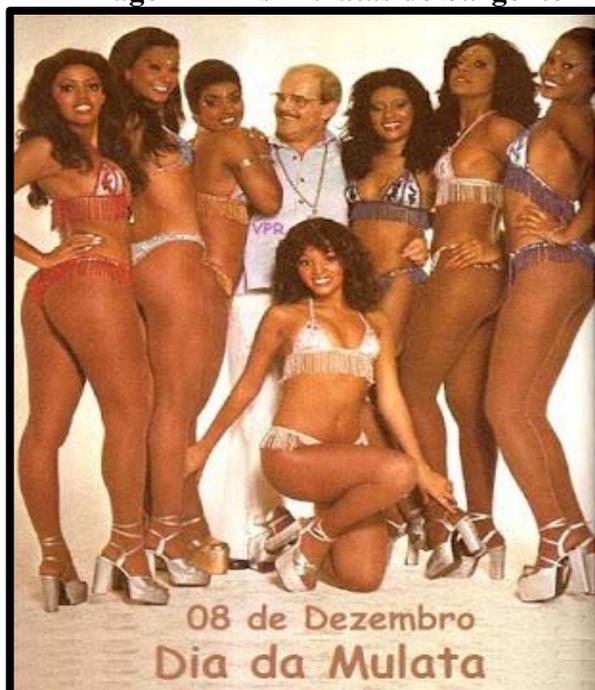
Ideologicamente, os senhores de escravos aceitavam como fato o seu direito de explorar plenamente todas as capacidades dos escravos como parte de seu atributo de senhor e investidor, para maximizar seus lucros e ganhos sociais. Concretamente, isso significava, entre outras coisas, que os senhores retinham o poder de obter amplos benefícios sociosexuais de seus escravos como uma forma legítima de retorno de investimento, bem como importante parte da extensão do poder senhorial (traduzido, Beckles, 2011, p. 241).

Neste sentido, Gonzalez (1984) pontua que o mito da democracia racial se alimenta do mito da cordialidade erótica das relações sociosexuais entre o colonizador português e a negra escravizada. Não obstante, a autora faz uma análise sobre o racismo e sexismo na cultura brasileira, denotando que a imagem da mulher negra é dubiamente representada na figura da Mulata e da doméstica. Destaca-se que a ideia da democracia racial evidenciada por Gonzalez (1984) é uma forma de esconder as opressões e as violências com finalidade de amputar a individualidade, bem como a sua humanidade, que resulta na supressão e no silenciamento.

Na tela da TV: Sargentelli e as Mulatas

Fazendo menção à figura da representação da Mulata, vem em nossa memória o programa de televisão denominado de “As Mulatas do Sargentelli”, o qual instituiu uma data comemorativa do “Dia da Mulata” (Sargentelli é o homem que está no meio das mulheres), conforme a imagem abaixo:

Imagem 1 - As Mulatas do Sargentelli



Fonte: <https://vindodospampasoretorno.blogspot.com/201912/08-de-dezembro-dia-da-mulata.html>

Seria, esta data, o dia da mulher negra? Ou o dia da mulher que as diferenciaria da

mulher não negra enquanto corpos sexualizados destinados à objetificação e coisificação? Uma vez que seus corpos são o lócus da violência estatal.

Sargentelli homem branco, classe média alta, radialista e empresário das noites cariocas nas décadas de 1970 e 1980, que também se autodefinia como "*mulatólogo*" estava rodeado de Mulatas com suas micro roupas, sensualidade e muito samba no pé. Além de uma música festiva e improvisada pelo próprio, cheia de arranjos, sonâncias e batuques, a letra improvisada sem moderações e sem espaço para criticar os corpos racializados (Jornal "O Globo", 2017).

Conforme reportagem do Jornal "O Globo" (2017):

Em 1969, Sargentelli inaugurou sua primeira casa de espetáculos, a "Sambão", em Copacabana, na Zona Sul, tornando-se a mais badalada da época. No ano seguinte, em parceria com o empresário Ricardo Amaral, abriu a "Sucata", onde os shows das mulatas, que atraíam muitos turistas, garantiram mais de dois anos de casa lotada quase que diariamente. Em 1973, foi a vez da boate "Oba-oba", em Ipanema.

A redução destas mulheres a meros objetos recreativos e de entretenimentos em que se destacava a excessiva sexualização eclodiu na cidade e nas noitadas cariocas do Rio de Janeiro, expondo-as e oferecendo-as como marketing publicitário ou um produto à venda com preço de liquidação.

A carne mais barata

Os estereótipos e violências que sofrem parte das mulheres negras desde a mais tenra infância favorecem a manifestação de sentimento de auto desvalorização e de menos valia. Conseqüentemente, por vezes, algumas jovens negras veem na hipersexualização, exploração e erotização de seus corpos, um modo de serem vistas, aplaudidas e exoticamente aceitas. Diante deste cenário, o significativo número de "mulatas" cooptadas por Sargentelli foram manchetes no Jornal "O Globo" (2017).

No auge do sucesso, Oswaldo Sargentelli chegou a ter em seus shows 40 mulatas contratadas, como Adele Fátima e Solange Couto. As moças possuíam um esquema rígido de trabalho: elas não podiam ter contato com o público, nem se envolver em incidentes ou brigas dentro ou fora da boate em que trabalhavam. – O cliente pode mandar um bilhete para a mulata, mas se ela apanhar o papel é demitida. Se o garçom for usado para entregar a ela, os dois serão demitidos. Estes são os meus princípios e deles não abro mão (O Globo, 2017).

Percebe-se neste relato as sutilezas da exploração e exotificação racial da mulher negra, que considerada exótica e extravagante, viam nestes espaços a possibilidade de aceitação, ascensão social e econômica, e como já diz a letra da música "A carne" interpretada pela cantora Elza Soares, foi e continua sendo, "a carne mais barata do mercado".

*A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Só-só cego não vê)*

(Composição: Seu Jorge / Marcelo Yuka / Ulisses Cappelletti - **A carne**)

Nesta forma de espoliação escancarada, 40 Mulatas em frenesi, embaladas pelo som estridente dos batuques e ritmos frenéticos, aguçadas pela busca do reconhecimento, uma falsa valorização as colocava no auge da disputa dos olhares, gostos e sabores, conforme o ávido desejo do cliente, turista ou telespectador, afinal o corpo da Mulata estava em vitrine, disposto como de “fácil acesso”.

Em 1970, Sargentelli (1923 - 2002) inaugura na TV o seu programa com a participação das Mulatas, entrevistas com alguns convidados e apresentações de músicos brasileiros em que o samba era o ritmo principal. Ele, no auge da fama e euforia, com vistas também na manutenção do sucesso e do retorno econômico advindo do rebolar das Mulatas, de modo escandaloso e machista, teceu o seguinte comentário:

- “Eu amo uma boa mulata de cintura fina, coxinha grossa, carinha de safada, boa dentadura e cheirosa, que anda, fala, dorme, ri e chora, senta, levanta, mexe, remexe, deixando a moçada com água na boca. E quem não gosta de mulata, bom sujeito não é, é ruim da cabeça ou então, é viado mesmo” (Sargentelli, 1993, p. 69).

Uma das canções mais cantadas no seu programa era mulatinha bunitinha do Ziriguidum:

*Ziriguidum, Ziriguidum
Mulatinha bunitinha do Ziriguidum
Ziriguidum piri papa
Mulatinha bunitinha do teleco teco
Ziriguidum pon poro pon
Mulatinha bunitinha do borogodó [...]*

(Autoria: Osvaldo Sargentelli)

Enquanto isso, as mulheres negras adjetivadas por “Mulatas” que sinalizadas pelo seu criador reboavam e alegravam uma plateia frenética e os telespectadores que repousavam em suas benditas casas – famílias do patriarcado.

Em referências às famílias do patriarcado, uma vez que é considerado historicamente, o mais antigo sistema de dominação e exploração da raça humana, destacam que “no Brasil, a história da instituição familiar teve como ponto de partida, o modelo patriarcal, importado pela colonização e adaptado às condições sociais do Brasil de então, latifundiário e escravagista” (Saffioti, 1979; Xavier, 1998 *apud* Narvaz e Koller, 2006, p. 51).

Sinalizamos que nas décadas de 1970 e 1980, período em que o aclamado Programa das

Mulatas do Sargentelli, animava uma significativa plateia nos lares brasileiros, no entanto, o país ainda vivia a fase da Ditadura Militar, consequências e resquícios de um momento obscuro de nossa História em que o apagamento sistemático da militância da população negra que vivenciava a opressão, a exploração econômica, social e uma acentuada discriminação racial.

Entretanto, em relação à mulher negra caracterizada como Mulata, seu corpo aparecia em mídia nacional hipersexualizado, objetificado, esplendoroso, vibrante, cheio de charme e intencionalmente trazia em si, o segredo do desvelar a imaginação, provocar os desejos “secretos” e cobiças mais íntimas dos espectadores masculinos para além das telas da TV.

De acordo com Abreu (2015), a hipersexualização das mulheres é amplamente observada no âmbito audiovisual, incluindo anúncios, filmes, séries, novelas e comerciais. Nesses contextos, as mulheres são frequentemente apresentadas de forma objetificada, com foco em certas partes de seus corpos ou pelo tipo de vestuário que utilizam. Essa abordagem visa expor os corpos femininos de maneira exagerada, destacando seus atributos físicos e apresentando-os como objetos destinados ao entretenimento masculino.

A objetificação aqui discutida, consiste em analisar o indivíduo como um objeto, invalidando o emocional e o psicológico do ser humano e, geralmente, está ligado à objetificação sexual feminina a fim de que a mulher seja desumanizada, onde somente sua aparência importa, sendo considerada apenas para oferecer prazer ao público masculino (Lima, 2016).

Neste seguimento, Gonzalez (2020), em seu livro “Por um feminismo Afro-latino-americano, faz a seguinte observação e crítica:

“Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” — tornou-se uma síntese privilegiada de como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha, e que é super explorado economicamente, ela é uma faxineira, cozinheira, lavadeira etc. que faz o “trabalho pesado” das famílias de que é empregada; como um corpo que gera prazer e que é super explorado sexualmente, ela é a mulata dos desfiles de Carnaval para turistas, de filmes pornográficos etc., cuja sensualidade é incluída na categoria do “erótico-exótico (Gonzalez, 2020, p. 154).

Seguindo ainda nesta mesma direção, Gonzalez (1994) contesta as visualidades dos corpos das mulheres negras a partir do olhar para o carnaval da cidade do Rio de Janeiro, destacando um tripé: bebida, mulher e samba. Substantivos de ordem advinda dos elementos culturais das manifestações carnavalescas.

Observando Gonzalez (1994) atentamente ao seu redor e relata que:

As escolas vão desfilar suas cores duplas ou triplas. Predominam as duplas: azul e branco, verde e rosa, vermelho e branco, amarelo e preto, verde e branco e por aí a fora. Espetáculo feérico, dizem os locutores; plumas, paetês, muito luxo e riqueza. Imperadores, uiaras, bandeirantes e pioneiros, princesas, orixás, bichos, bichas, machos, fêmeas, salmões, e rainha de sabá, marajás, escravos, soldados, sóis, luas,

baianas, ciganas, havaianas. Todos sob o comando dos ritmos das baterias e do rebolado das mulatas, que dizem alguns, não estão no mapa. “Olha aquele grupo do carro alegórico, ali. Que coxas, rapaz”. “Veja aquela passista que vem vindo; que bunda, meu Deus! Olha como ela mexe a barriguinha. Vai ser gostosa assim lá em casa, tesão”. “Elas me deixam louco, bicho”.

[...]

E lá vão elas rebozantes e sorridentes rainhas, distribuindo beijos como se fossem bênçãos para os seus ávidos súditos nesse feérico espetáculo... E feérico vem de “fée”, fada, na civilização da língua francesa. Conto de fadas? (Gonzalez, 1994, p. 227).

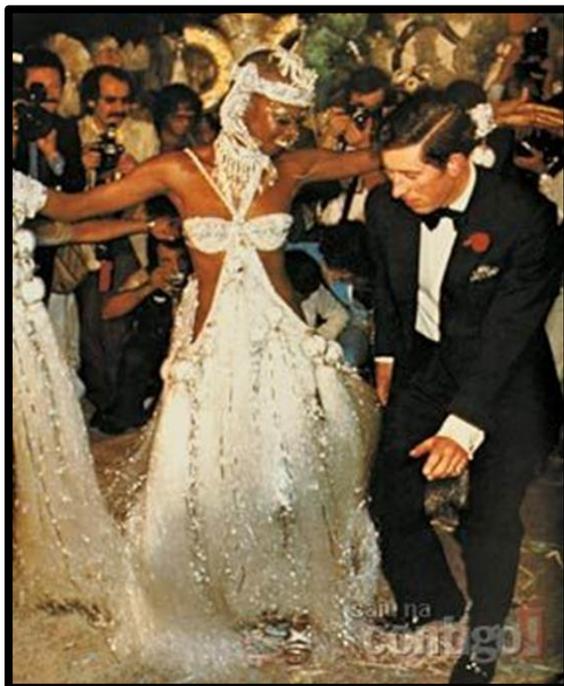
A imagem da Mulata, uma mulher negra e seminua adentrando nos lares das famílias brasileiras, qual seria a intencionalidade, o que se pretendia mostrar e tão ingenuamente temos a resposta: apenas queremos alegrar o povo, mostrar a beleza e a vivacidade destas mulheres.

No entanto, conforme ponderado por Hooks, 1995.

Os estereótipos que objetificam as mulheres se transformam em marcadores identitários que se apoiam tanto no racismo, quanto no sexismo para serem validados. O sexismo e o racismo atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros (Hooks, 1995, p. 468).

Vale ressaltar que é fundamental compreender como os aspectos racistas e sexistas afetam as mulheres negras de forma específica, cabendo não apenas à comunidade afrodescendente, como igualmente a todos, lutar contra o machismo, o racismo e as estruturas discriminatórias que mantêm representações que as objetificam.

Imagem 2 - Quadra da Beija-Flor de Nilópolis-Samba-Enredo, 1983.



Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/era-muito-desengonçado-diz-icone-da-beija-flor-que-sambou-com-rei-charles/>

Acima temos uma imagem um tanto representativa, de um lado, uma plebeia e do outro, um príncipe. Uma mulher negra vestida de fios luminosos e sem o cabelo, símbolo da representação feminina, é Pinah e ao lado dela, o príncipe Charles arriscando uns passos de samba desconcertados. A passista e o príncipe de Gales dançam! E fazem poses capturadas pelos *flashes*, eternizando o ano de 1978. Ficando o casal rodeado pela grande mídia nacional e internacional.

O rapaz de smoking, magro e com o cabelo repartido para o lado se aproximou de Pinah e começou a dançar algo diferente: Charleston. A passista se recorda que não havia a menor noção de quem era o homem, mas a única certeza que tinha era de que ele era muito desengonçado.

Ela disse ter ficado surpresa, no final da festa, quando descobriu que se tratava do príncipe. -"Nunca imaginei que ele iria se misturar". As imagens dos dois dançando juntos correram o mundo (Isabelly de Lima, 2023).

A partir deste contexto, a passista brilha sem saber com quem está dançando e, mais tarde, faz o seguinte comentário:

Com boa parte do corpo à mostra, uma moça fantasiada tirou o monarca para dançar. Ela tentava deixá-lo à vontade, mesmo sem saber quem o homem era. Em entrevista à Folha de S. Paulo, Maria da Penha Ferreira, conhecida como Pinah, que na época era uma passista de 18 anos, disse: “- *Eu nem sabia quem ele era!*”

Na época, apresentações da escola para empresários e políticos eram comuns (e até hoje são), mas tudo estava indicando que a presença da noite seria especial, já que os protocolos eram exagerados. Pinah conta que “o chefe dos seguranças avisou que a gente não podia passar de uma linha. Colocaram uma faixa no chão e avisaram que era para sambar daquela linha para atrás, estava cheio de regras”.

Quem disse que Diana foi a primeira princesa plebeia da família real? Ra, Ra, Ra. A partir daquele momento, Pinah de forma ilustrativa em tom de humor, foi considerada a primeira princesa plebeia, sendo comparada “Cinderela Negra do Carnaval”. Ganhando Pinah um trecho no samba enredo da Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis (1978):

[...]
“Pinah, êêê, Pinah
A Cinderela negra
Que ao príncipe encantou
No carnaval com o seu esplendor”
[...]

Aqui, percebemos a realização do conto de fadas descrito por Gonzalez da seguinte forma:

O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/fazendo pirraça/fingindo inocente/ tirando o sossego da gente”. É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e

loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. Estes, por sua vez, tentam fixar sua imagem, estranhamente sedutora, em todos os seus detalhes anatômicos; e os “flashes” se sucedem, como fogos de artifício eletrônicos. E ela dá o que tem, pois sabe que amanhã estará nas páginas das revistas nacionais e internacionais, vista e admirada pelo mundo inteiro. Isto, sem contar o cinema e a televisão. E lá vai ela feericamente luminosa e iluminada, no feérico espetáculo (Gonzalez, 2020, p. 80).

A observação de Gonzalez (2020) não é só de pesquisadora, é também de mulher e negra, atentando-se ao destaque que a mulher negra recebe no carnaval, muito embora essa visibilidade se atina a hipersexualização do seu corpo, e de uma figura que está constituída como elemento de cultura carnavalesca, alegórica e simbólica parte do processo da formação cultural, ficando esta mulher instantaneamente integrada no mundo que a nega.

A mulher negra, mestiça, mulata, cabrita; termos ancorados à terminologia colonial uma linguagem racista comum e de nomenclatura animal é discutido por Kilomba (2019) como termos usados ainda hoje, que tem a função de afirmar a inferioridade de uma identidade através da condição animal e foram criados durante os projetos europeus de escravatura e colonização, intimamente ligados às suas políticas de controle da reprodução e proibição do “cruzamento das raças” reduzindo as “novas identidades” a uma nomenclatura animal, isto é, à condição de animal irracional, impuro.

Características animais foram utilizadas para descrever a população escravizada, favorecendo e permitindo a construção da imagem de inferiorização do negro e mantendo a superioridade do branco.

Na perspectiva de Kilomba (2019),

“Estes termos de nomenclatura animal foram altamente romantizados durante o período de colonização, em particular na língua portuguesa, onde são ainda usados com um certo orgulho. Esta romantização é uma forma comum da narrativa colonial, que transforma as relações de poder e abuso sexual, muitas vezes praticados contra a mulher negra, em gloriosas conquistas sexuais, que resultam num novo corpo exótico e ainda mais desejável” (Kilomba, 2019, p. 19).

Como sinaliza Xavier (2012, p. 67), as narrativas ficcionais procuravam destacar as características físicas “anormais” das mulheres de cor e do seu corpo, e seu caráter “duvidoso”. Nascendo assim, as “tipologias literárias”, como as da bela mulata, da crioula feia, da escrava fiel, da preta resignada, da mucama sapeca ou ainda da mestiça virtuosa.

Desta maneira, mulheres negras, em particular as Mulatas, eram estereotipadas e descritas na literatura como concubinas, levanas e prostitutas. Ser mulher e negra numa sociedade escravista era abstruso. Elas estavam à mercê de todo tipo de violência; tiveram que enfrentar a crueldade da escravidão, o governo, a opressão dos homens e não só dos seus senhores.

Segundo assevera Corrêa (1996),

[...] a mulata construída em nosso imaginário social contribui, no âmbito das classificações raciais, para expor a contradição entre a afirmação de nossa democracia racial e a flagrante desigualdade social entre brancos e não brancos em nosso país (Corrêa, 1996, p. 49-50).

O histórico destas mulheres é um histórico de lutas, resistência e dor. Desde a época da colonização e se arrasta em busca da sobrevivência considerando ainda, o sobreviver ante um estado que as ignora e mata sua população, ainda nos dias de hoje, e neste caminho Wieviorka (2007, p. 11) considera que “o racismo pertence ao presente da humanidade e não somente ao seu passado e que o racismo deve ser compreendido como um componente de condutas entre grupos humanos os quais tomam a forma do preconceito, da discriminação, da segregação e da violência”.

As intersecções cotidianas

Os estudos de Pereira (2024) e Crenshaw (2002) denotam que para se pensar as interseccionalidades é fundamental o conhecimento sobre o conceito e a funcionalidade deste tema, demonstrando algumas situações em que há a intersecção de diferentes identidades sociais como: gênero, raça e classe referenciais para colocar ou não as pessoas em devidos lugares, e como essa discriminação serve de ponte ou elo que elege algumas características pessoais enquanto categorias e, desta maneira, criar manobras e selecionar certos grupos de pessoas para inserir ou excluir de determinados espaços.

Ainda na atualidade, a mulher negra é afetada pelas chagas sociais brasileiras como encarceramento, feminicídios, violência doméstica e urbana, racismo institucional, desigualdades no mercado de trabalho, entre outras.

Desse modo, Santos (2009, p. 1) salienta que “ser mulher e ser negra no Brasil significa estar inserida num ciclo de marginalização e discriminação social. Isso é resultado de todo um contexto histórico, que precisa ser analisado na busca de soluções para antigos estigmas e dogmas”.

Nesta senda, Akotirene (2019) reforça a questão de ser mulher e negra na sociedade brasileira, categorias políticas sociais parte do acúmulo de opressões sociais defendida por ela como interseccionalidade. Como denota Akotirene (2019):

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado- produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2019, p. 19).

Toda essa dinâmica despejada aos corpos negros femininos é parte de um processo de

criminalização, que Morrison (2020) aponta como herança da escravidão, tornando-se sinônimo de gente feia, de gente pobre e de gente criminoso, fadada no encontro da estética e na ciência do período iluminista que classificou a raça branca com pura transcendente ao Novo Mundo e o negro na sua negrura marcado pela sua cor, remetido a desumanização e da expropriação do corpo.

Nas reflexões de Munanga (2018) e Pereira (2024), no Brasil, o mito da democracia racial dissemina que não existe racismo, que propaga e difunde que no país do carnaval e do futebol vive-se em harmonia entre as diferentes cores de pele e classes sociais, fantasia essa que, por décadas, o movimento negro e intelectuais demonstraram ser uma falácia que já está superada. Diante deste cenário, constitui-se a complexidade para reconhecer o racismo que perdura no cotidiano da nossa sociedade.

Considerações Finais

Reflete-se sobre a importância da mulher negra na perspectiva da representação da Mulata do Ziriguidum, considera-se que historicamente há uma estrutura social racializada que intencionalmente repercute em uma invisibilidade gestada e orquestrada pelo *modus operandi* da branquitude, advinda e somada ao modelo da escravização, da tortura, do estupro e opressão das mulheres negras consideradas inumanas em um passado brasileiro não tão distante.

Na abordagem do Programa de TV “As Mulatas do Sargentelli”, evidencia-se a exposição dos corpos negros pela mídia da época como corpos negros ousados, atrevidos e prontos para o deleite e consumo do grande público que independente da classe social, aos sábados à tarde assistiam à exibição do show, podendo ainda, ser acompanhada por um drink ou uma bebida qualquer.

Logo, compreende-se que o processo de objetificação do corpo e da sexualidade da mulher negra naquele momento histórico encontrava-se interligado às concepções discriminatórias que foram reproduzidas e naturalizadas de modo perverso e sagaz.

Observa-se, aqui, o quanto a nossa sociedade precisa se aprofundar nas questões de gênero, classe e sexualidade, sobretudo raça, aspecto que deu origem à reprodução da violência no Brasil – ainda negada, negligenciada e camuflada.

O texto mostra-nos como a violência cerca a vida e o cotidiano da mulher, enquanto negra, mesmo sabendo que sua visibilidade está consubstanciada na hipersexualização de seu corpo moldado no processo de cultura racista-hetero-patriarcal sustentado pelo imaginário colonial.

Apresenta-se neste ensaio várias problematizações e questionamentos para pensarmos

o histórico da mulher negra e, para além disto, apontamos possíveis caminhos democráticos que possam favorecer a formação de uma nação antirracista e igualitária, em que a cor da pele feminina não represente apenas o sexo fácil, a luxúria, a Mulata ou o samba no pé.

Afirma-se que precisamos, sim, ver mulheres negras ascendendo seja na política, nos cargos de chefia, nos comerciais e, parafraseando o refrão do samba “Globeleza”, de autoria do sambista Jorge Aragão (1991): – “Na tela da TV, no meio desse povo, a gente vai se ver” em todos os lugares de direitos e conquistas.

Referências

ABREU, Carla. Imagens que não afetam: questões de gênero no ensino da arte desde a perspectiva crítica feminista e da cultura visual. *Anais do 24º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Universidade Federal de Santa Maria: ANPAP/PPGART/CAL/UFSM. Simpósio 12 – Redes e conexões de afetos, pedagogias e visualidades, 2015, p. 3927-3928. Disponível em:
https://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/carla_de_abreu.pdf. Acesso em: 18 mai. 2025.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019. 152p. Disponível em:
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_%28Feminismos_Plurais%29_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359. Acesso em: 02 fev. 2025.

ARAGÃO, Jorge. *Globeleza*. 1991. Disponível em:
<https://www.vagalume.com.br/jorge-aragao/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BECKLES, Hilary MCD. Os domínios do prazer: a mulher escrava como mercadoria sexual. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História, [S. l.]*, v. 8, n. 12, 2011. DOI: 10.18817/ot.v8i12.62. Disponível em:
https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/62. Acesso em: 12 fev. 2025.

CARMO, Norton do. *Oswaldo Sargentelli Jô Soares Onze e Meia SBT 1996*. Entrevista. São Paulo, 1996. Disponível em:
<https://youtu.be/kem13BVEmOY?si=vAqCjkjPEikerqg>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 6/7, p. 35–50, 2010. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860>. Acesso em: 19 fev. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, p. 171-188, 1º Semestre, 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2025.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. ANPOCS. 1994a. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_Gonzalez_Lelia.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

GONZALEZ, Lélia. *O carnaval e o mito da democracia racial segundo Lélia Gonzalez*. Casa de Vidro, *Blog*, 2020b. Disponível em: <https://acasadevidro.com//o-carnaval-e-o-mito-da-democracia-racial-segundo-leliagonzalez/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro latino americano*. Zahar, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2025.

HOOKS, bell. *Intelectuais negras*. Estudos feministas, Ano 3, p. 464-478, 2º Semestre, 1995. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2025.

JORGE, Seu; YUKA, Marcelo; CAPPELLETTI, Ulisses. *A carne*. 1998. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br//elza-soares/281242/>. Acesso em: 23 fev. 2025.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação, episódios de um racismo cotidiano*. São Paulo: Editora Cobogó, 2019.

LIMA, Iana. *O que é objetificação da mulher?* Politize, 11 fev. 2016. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-objetificacao-da-mulher/>. Acesso em: 23 fev. 2025.

LIMA, Isabelly de. *As memórias da talentosa passista que fascinou o príncipe Charles em 1978: 'Desengonçado'*. Sob a supervisão de Giovanna Gomes Publicado em 11/02/2023, às 08h45. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/memorias-da-talentosa-passista-que-fascinou-o-principe-charles-em-1978-desengoncado.phtml>. Acesso em: 23 fev. 2025.

LIMA, Natasha Correa; LESSA, Mônica. Com “telecoteco e ziriguidum”, Oswaldo Sargentelli inventou o “show de mulatas”. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, *Caderno de Cultura*. 06/04/17 - 12h 41min, com edição de Matilde Silveira. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com//em-destaque/com-telecoteco-ziriguidum-oswaldo-sargentelli-inventou-show-de-mulatas-21170942>. Acesso em: 23 fev. 2025.

MORRISON, Toni. *Corpo negro escravizado e corpo negro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Entrevista – *Antropólogo Kabengele Munanga reconhece avanços, mas alerta: “racismo é um monstro complexo”*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/antropologo-kabengele-munanga-reconhece-avancos-mas-alerta-racismo-e-um-monstro-complexo/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc.* 18 (1), 49-55; jan/abr., 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkPBDpL4Xn/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 20 fev. 2025.

PEREIRA, Almunita dos Santos Ferreira. *Escutas e memórias: narrativas de jovens negras egressas da Fundação CASA no Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: SP, 2024. 180p. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/41212>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mitos e realidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

SANTOS, Ruth Conceição Farias. *Representações sociais de aprisionados (as) e técnicos (as) sobre os programas de ressocialização (atividades de educação e trabalho) no sistema prisional no estado de Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão: SE, 2012. 183 p. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4661/1/RUTH_CONCEICAO_FARIAS_SANTOS.pdf. Acesso em: 25 fev. 2025.

SARGENTELLI, Oswaldo. *Ziriguidum*. São Paulo: Letras & Letras, 1993.

SARGENTELLI e sua sobrinha com Clodovil. Entrevista. Disponível em: <https://youtu.be/8FBXWMgZPwc?si=BbDNC3k9ZSWEC2rM>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SARGENTELLI no Roda Viva - TV Cultura. Entrevista. Disponível em: <https://youtu.be/V3qSiFyax8w?si=NwsmxA4gwiw0WOZ2>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SARGENTELLI no Jornal da Globo. 13/4/2002. Disponível em: <https://youtu.be/Clg5p4zIeow?si=se64Qg0KC3DokUi>. Acesso em: 25 fev. 2025.

XAVIER, Elódia. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

WIEVIORKA, Michel. *O racismo, uma introdução*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

The black woman from the perspective of the representation of the mulatto woman from Ziriguidum

Abstract

This study seeks to raise reflections on black women from the perspective of the representation of the Mulata do Ziriguidum in the context of Brazilian society, based on the program “As Mulatas do Sargentelli” (Sargentelli's Mulattoes), shown on free-to-air TV during the 1970s and 1980s, with attractions ranging from interviews with guests to performances by Brazilian and foreign musicians, the main rhythm of which was samba and the rolling of the beautiful Mulatas. Here we question how the objectification, hypersexualization and exoticization of the black body was portrayed in the figure of women considered mulattos, who were intentionally exposed on a

national network. With a qualitative approach, the methodology used was a bibliographical review of theoretical books and articles that discuss issues of gender, race, class, culture and their intersectionalities, as well as audiovisual resources, in which YouTube videos, interviews on television programs and images from magazines of the time were analyzed. These materials were chosen because of the importance of the topic for deepening racial and gender studies and also to portray the notions that permeate the theme of black women and a history of domination, exploitation and erasure of their bodies. The conclusion is that there is an invisibility created and orchestrated by the modus operandi of whiteness, added to the objectification and exploitation of black women's bodies.

Keywords: Mulata; Ziriguidum; Sargentelli; Hypersexualization.

La mujer negra en la perspectiva de la representación de la mulata del Ziriguidum

Resumen

Este estudio busca plantear reflexiones sobre la mujer negra desde la perspectiva de la representación de la Mulata do Ziriguidum en el contexto de la sociedad brasileña, a partir del programa «As Mulatas do Sargentelli» (Las Mulatas de Sargentelli), exhibido en la TV abierta durante las décadas de 1970 y 1980, con atracciones que iban desde entrevistas a invitados hasta actuaciones de músicos brasileños y extranjeros, siendo el ritmo principal la samba y el rebote de las bellas mulatas. Aquí nos cuestionamos cómo la cosificación, hipersexualización y exotización del cuerpo negro fue retratado en la figura de mujeres consideradas mulatas, que fueron intencionalmente expuestas en la televisión nacional. Con un enfoque cualitativo, la metodología utilizada fue una revisión bibliográfica de libros y artículos teóricos que discuten temas de género, raza, clase, cultura y sus interseccionalidades, así como recursos audiovisuales, en los que se analizaron videos de YouTube, 4 entrevistas en programas de televisión e imágenes de revistas de la época. Estos materiales fueron escogidos por la importancia del tema para la profundización de los estudios raciales y de género y también para retratar las nociones que permean el tema de las mujeres negras y una historia de dominación, explotación y borramiento de sus cuerpos. La conclusión es que existe una invisibilidad creada y orquestada por el modus operandi de la blancura, sumada a la cosificación y explotación de los cuerpos de las mujeres negras.

Palabras Clave: Mulata; Ziriguidum; Sargentelli; Hipersexualización.

La femme noire du point de vue de la représentation de la mulâtre du Ziriguidum

Résumé

Cette étude vise à susciter une réflexion sur les femmes noires du point de vue de la représentation de la Mulata do Ziriguidum dans le contexte de la société brésilienne, à partir de l'émission « As Mulatas do Sargentelli » (Les mulâtres de Sargentelli), diffusée sur une chaîne de télévision à accès libre dans les années 1970 et 1980, avec des attractions allant d'interviews d'invités à des performances de musiciens brésiliens et étrangers, le rythme principal étant la samba et le rebondissement des belles mulâtres. Nous nous demandons ici comment l'objectivation, l'hypersexualisation et l'exotisation du corps noir ont été représentées dans la figure des femmes considérées comme mulâtres, qui ont été intentionnellement exposées à la télévision nationale. Dans le cadre d'une approche qualitative, la méthodologie utilisée a consisté en un examen bibliographique d'ouvrages et d'articles théoriques traitant des questions de genre, de race, de classe, de culture et de leur intersectionnalité, ainsi que de ressources audiovisuelles, dans lesquelles ont été analysées des vidéos YouTube, des interviews dans des programmes télévisés et des images tirées de magazines de l'époque. Ces matériaux ont été choisis en raison de l'importance du sujet pour l'approfondissement des études raciales et de genre, ainsi que pour illustrer les notions qui imprègnent le thème des femmes noires et de l'histoire de la domination, de l'exploitation et de l'effacement de leur corps. La conclusion est qu'il existe une invisibilité créée et orchestrée par le modus operandi de la blancheur, qui s'ajoute à l'objectivation et à l'exploitation du corps des femmes noires.

Mots clés: Mulâtre; Ziriguidum; Sargentelli; Hypersexualisation.